



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**



HELENITA ALVES DE ARAÚJO

**TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES: A MORTE DE DEUS E O
NASCIMENTO DO UBERMENSCH**

PARNAÍBA – PI

2025



**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
CAMPUS PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**



HELENITA ALVES DE ARAÚJO

**TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES: A MORTE DE DEUS E O
NASCIMENTO DO UBERMENSCH**

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Filosofia, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Alexandre Alves de Oliveira, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Thiago Monteiro Chaves

PARNAÍBA – PI

2025

FOLHA DE APROVAÇÃO

HELENITA ALVES DE ARAÚJO

TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES: A MORTE DE DEUS E O NASCIMENTO DO UBERMENSCH

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual do Piauí - UESPI como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em: 16/06/2025

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 THIAGO MONTEIRO CHAVES
Data: 01/07/2025 10:33:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ORIENTADOR: Prof. Me. THIAGO MONTEIRO CHAVES

Documento assinado digitalmente
 SOLANGE APARECIDA DE CAMPOS COSTA
Data: 30/06/2025 16:27:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

EXAMINADORA: Prof.(a) Dr(a). SOLANGE APARECIDA DE CAMPOS COSTA

Documento assinado digitalmente
 CARLOS HENRIQUE CARVALHO SILVA
Data: 29/06/2025 11:33:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

EXAMINADOR: Prof. Dr. CARLOS HENRIQUE CARVALHO SILVA

Resumo

O presente projeto busca entender os caminhos apresentados pelo filósofo Friedrich Nietzsche em que se encontram modos e características do que o autor chamava de o “espírito livre por excelência” e como ele estava atrelado a uma versão do homem que poderia ser vista como superior. Perpassaremos pela apresentação do *ubermensch* feita pelo personagem Zarathustra e assim poderemos compreender do que trata esse além-dohomem e como ele é diferente do homem comum. É para vermos os contrastes existentes entre ambos que faremos um vislumbre do personagem preferido de Nietzsche, e assim, trataremos de uma questão primordial dentro da filosofia deste. Entenderemos que o além-do-homem é alguém que está a um nível de superioridade das deficiências humanas que o faz não mais necessitar de vicissitudes como dogmas religiosos, ética de escrituras sagradas e até de um Deus. Este trabalho tem por via de orientação o questionamento: Por que o *ubermensch* não precisa de um Deus? Como, pelos seus próprios meios, ele supera as faltas humanas e consegue achar a plenitude de sua vida e sua própria moral? O que Nietzsche quis trazer para a humanidade quando fez Zarathustra descer da montanha? Dentro dessa ótica, poderemos ter um esclarecimento de questões primordialmente humanas, de relevância social, geral, psíquica e religiosa, o que faz da presente pesquisa algo enriquecedor para a comunidade acadêmica e para o homem mesmo que fora dela, já que o que trataremos é especialmente da vida real, entendida por nosso autor, como a única merecedora de fiéis e de adoração.

Palavras-chave: homem; vida; Deus; dogmas; *ubermensch*; filosofia.

Abstract

This project seeks to understand the paths outlined by the philosopher Friedrich Nietzsche regarding the modes and characteristics of what he referred to as the “free spirit par excellence,” and how this concept was tied to a version of the human being that could be seen as superior. We will explore the presentation of the *Übermensch* as portrayed by the character Zarathustra, so that we may grasp what this "beyond-man" represents and how he differs from the common man. In order to see the contrasts between the two, we will examine Nietzsche's favorite character, addressing a fundamental issue within his philosophy. We will come to understand that the *Übermensch* is someone who exists on a level of superiority above human deficiencies, no longer needing the vicissitudes of religious dogmas, ethics from sacred scriptures, or even a God. This work is guided by the question: Why does the *Übermensch* not need a God? How does he, by his own means, overcome human shortcomings and manage to find the fullness of his life and his own morality? What did Nietzsche intend to bring to humanity when he had Zarathustra descend from his mountain? From this perspective, we will gain insight into deeply human questions of social, psychological, religious, and general relevance—which makes this research enriching both for the academic community and for humanity beyond it, since what we are dealing with is, above all, real life, which Nietzsche understood as the only thing worthy of devotion and fidelity.

Keywords: man; life; God; dogmas; *Übermensch*; philosophy.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. DESENVOLVIMENTO	
2.1. O além-do-homem: o refúgio das religiões e a autossuperação pelo Übermensch	9
2.2. A gênese da moral e a transvaloração dos valores	10
2.3 Deus está morto”: quem mata Deus e como se dá essa morte?.....	11
3. CONCLUSÃO.....	13
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	15

1. Introdução

A humanidade sempre buscou um sentido além de si mesma, uma realidade transcendente que lhe oferecesse ordem e significado diante do caos da existência. Religiões, sistemas filosóficos e moralidades absolutas surgiram como respostas a essa necessidade, fornecendo estruturas que amenizam a incerteza da vida. No entanto, essa busca também pode ser vista como um reflexo da dificuldade humana em encarar a existência em sua fluidez e impermanência, preferindo verdades consolidadas a uma realidade em constante transformação. Tendo como ponto de partida a perspectiva humana, como não validar uma pesquisa que trata primordialmente das coisas do homem? Nietzsche traçará um longo caminho transmutado para a linguagem dos aforismos que estarão conectando temas como o homem, deus, crenças, sentimentos, afetos até que se chegue a uma crítica incisiva à religião, especialmente ao cristianismo e seus valores, e sobretudo, à moral de sua época.

Quando em 1877 aparece pela primeira vez a Friedrich Wilhelm Nietzsche a obra de Paul Rée, intitulada *A origem das impressões morais*, surge no autor de *O Anticristo*, as primeiras contraposições a um sistema de ideias que seriam criticadas a marteladas durante o restante de sua vida. Então, em 1878, Nietzsche escreve *Humano Demasiado Humano* em que se encontram aforismos sobre os espíritos livres por excelência, os raros casos em que o homem enfrenta seus demônios e supera seu maior rival: Deus. Segundo Clademir Luís Araldi, a abordagem histórica da moral é formulada pela primeira vez justamente em *Humano, demasiado humano*, no capítulo “Contribuição à história dos sentimentos morais”. Lá Nietzsche não fornece propriamente um novo método de análise da moral, pois partilha de muitos conceitos e argumentos da obra, na época recém-publicada, de Paul Rée, obra em que serão discutidos conceitos como prazer e desprazer, de vício e virtude, de utilidade geral; em Hume, em Schopenhauer e no utilitarismo moral inglês. À semelhança de Hume, Schopenhauer, e da interpretação recente de Rée, também Nietzsche deriva os sentimentos morais dos sentimentos de prazer e desprazer (Araldi, 2008, p.35).

Em *O nascimento da tragédia* (1872), Nietzsche perpassa pela origem e o significado da tragédia grega, e se propõe a compreender o espírito da cultura grega antiga e suas implicações para a cultura moderna. Podemos dizer que é nesse momento dos estudos dos gregos que Nietzsche encontra pela primeira vez algo que morreu. A “morte da tragédia” seria o processo em que o espírito apolíneo — a busca pela razão, ordem e clareza —

suprime o espírito dionisíaco, essencial para a vitalidade e profundidade da experiência trágica. Nietzsche vê essa mudança principalmente na influência da filosofia de Sócrates e de seu discípulo Platão na cultura grega. A crítica aqui vai diretamente nos pontos que vê Sócrates como o assassino do trágico, em seu propósito de dar espaço exclusivo à razão. Assim também como foi Paulo quem matou Cristo para dar luz ao cristianismo e com isso buscava esconder do homem aquilo que inevitavelmente faz parte dele. O feio, em contraste com o belo, subjaz no homem então, pergunta-se Nietzsche, qual o sentido de escondê-lo ou subestimá-lo? A mentira ou ignorância como contrário de Verdade, também subjaz no homem, assim como o sentimentalismo e a selvageria em contraste da razão. Então, por que o homem e a moral criada por este tentam esconder isso e substituir com ideais divergentes? E, como mais importante e fulcral para este trabalho: o que o homem se torna quando deixa de reprimir seus instintos e passa a acolhê-los? O que ele se torna quando em vez de um adorador da vida pós terrena ele passa a identificar na terra o único lugar possível de existência, descartando assim a ideia de um Deus entre as nuvens e uma entidade que julgue, ame e condene seus fiéis?

É importante deixar claro aqui que o estudo de tal temática é singular e necessário, que abarca âmbitos do entendimento cultural, uma vez que as crenças influenciam a cultura, a história e a arte em muitas sociedades. Além de que compreender os aspectos humanos e o que eles criam como ferramentas de controle, poder e dissimulação, pode ajudar a entender melhor o comportamento de diferentes povos e sua visão de mundo. Já na categoria de desenvolvimento pessoal essa pesquisa se faz interessante uma vez que o estudo das convicções humanas, de suas fraquezas e de suas concepções sobre Deus pode levar à reflexão sobre questões fundamentais da vida, como propósito, moralidade e existência, ajudando no autoconhecimento.

2. Desenvolvimento

I. O Além-do-homem: o refúgio das religiões e a autossuperação pelo o *Übermensch*

Por séculos, o ser humano, dividido, acreditou ser uma fusão de corpo e alma. Contudo, ao deixar de se definir em relação à divindade, ele perde sua essência. O auge da humanidade, seu "meio-dia", ocorre quando se elimina o dualismo entre o mundo verdadeiro e o mundo aparente. O homem que supera aquele polo existente onde mora a repreensão, o medo, os sentimentos de pequenez, passa a se identificar com o mundo e não busca mais além dele, pois vê na própria natureza da vida reflexos de quem ele próprio é. Como afirma Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*: “O homem é algo que deve ser superado. [...] O além-do-homem é o sentido da terra” (Prefácio, § 3).

Dentro dessa perspectiva, o que o autor está trazendo é a quebra dos valores pré-determinados a fim de criar os seus próprios, e é aqui que ocorre a fuga do rebanho e a ascensão para a vida como espírito livre. Para compreendermos melhor, urge observar esse ideal e formulação nas linhas de *Ecce homo*. Ao nos apresentar o significado de seu Zaratustra, Nietzsche nos oferece a chave para entender a questão anteriormente levantada. Esse ponto é crucial, pois nos permite perceber aspectos que a crítica moral, metafísica e religiosa tem atribuído principalmente às tradições platônica, cristã e idealista, sem considerar o movimento cultural que precede essas correntes. Assim, a proposta consiste em retomar a questão: Como Zaratustra pode ser o modelo do além-dohomem? Como Nietzsche afirma no referido texto:

Zaratustra foi o primeiro a ver na luta entre o bem e o mal a verdadeira roda motriz na engrenagem das coisas – a transposição da moral para o metafísico, como força, causa, fim em si, é obra sua. Mas essa questão já seria no fundo a resposta. Zaratustra criou este mais fatal dos erros, a moral: em consequência, deve ser também o primeiro a reconhecê-lo. (NIETZSCHE, 2003, p. 110-111)

Em virtude do apresentado, podemos compreender que a proposta de Nietzsche busca estabelecer as condições necessárias para superar os princípios antagônicos, uma vez que seu Zaratustra e a filosofia que o acompanha transcendem a dualidade entre o bem e o mal. *Assim falou Zaratustra* se torna a manifestação plena desse percurso de superação, tanto no contexto cultural quanto no processo de autossuperação do indivíduo.

II. A gênese da moral e a transvaloração dos valores

Outra temática que se faz relevância fulcral nesse trabalho é a análise genealógica dos valores de bem e mal. É preciso entender que para dar nascimento ao *übermensch* o homem precisa passar primeiramente pelo niilismo positivo, onde em vez de simplesmente negar todos os valores e admitir que nada existe ou importa de fato, o homem constrói os seus próprios valores a partir da destruição dos valores antigos que não faz mais sentido para aquele que está acima deles. É daí que Nietzsche faz uma transvaloração da moral. Diz o autor:

Necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão: para isso é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE, 2009, p.6).

Genealogia, portanto, necessária, uma vez que para entendermos melhor como uma coisa se manifesta e tem seus efeitos, podemos tomar como uma boa partida a investigação de onde nasceu e como ocorreu esse nascimento. Após isso, podemos abordar uma perspectiva de análise para entendermos um ponto específico dos valores que seria a legitimação deles, ou seja, como eles se tornam autêntico, genuíno, racional, legal, justo, etc. A própria constituição da palavra “legítimo” vem do latim *legitimus*, que significa estabelecido por lei, a partir dessa interpretação conceder a algo o valor de legitimidade dá a essa coisa uma segurança e autenticidade própria, fazendo-se valer em contextos diversos devido a ser algo que diz respeito a uma lei, no próprio significado etimológico.

Essa é a tarefa que Nietzsche assume para si: questionar profundamente os valores morais e seu significado pois para dar vida ao além-do-homem, ele não pode defender uma moralidade de disfarce e dissimulação. Como ele afirma em *Para a genealogia da moral*, “precisamos de uma crítica dos valores morais, devemos começar por colocar em questão o valor mesmo desses valores” (Nietzsche, 1887). Para isso, é necessário investigar as condições em que esses valores surgiram, como se desenvolveram e se transformaram ao longo do tempo. Nietzsche enfatiza que a moral pode ser tanto um “sintoma, máscara, tartufaria, doença, mal-entendido” quanto uma “causa, remédio,

stimulans, empecilho ou veneno". Esse tipo de máscara não pode existir para aquele que está disposto a ser um além-do-homem.

A moral antinatural, ou seja, quase toda moral até hoje ensinada, venerada e pregada, volta-se, pelo contrário, justamente contra os instintos da vida — é uma condenação, ora secreta, ora ruidosa e insolente, desses instintos. (NIETZSCHE, 2009, p.28)

O espírito livre por excelência não admite nada em sua vida que tenha caráter de esconder, dissimular e manipular suas virtudes e desvirtudes. Ele não nega seus negativismos, ele não os esconde disfarçando-os em falsas morais. Pelo contrário, ele assume suas falhas e busca aplacá-las com a vontade de potência que há em si e que constrói todos os dias. Esse é o ponto chave que diferencia o homem comum do superhomem. É a falta de necessidade de piedade, redenção, salvação e até amor de um Deuspai que faz do *ubermensch* um ser autônomo de felicidade, prazer e contentamento. Não faz se necessário promessas de um além da terra porque o que o além-do-homem precisa é cultivar terra, bicho e homem para que ele possa fazer sua morada.

III. “Deus está morto”, quem mata Deus e como se dá essa morte?

Ainda convém trabalhar outra questão inevitável ao falar do filósofo Nietzsche dentro da temática proposta nesse projeto, é aqui que o pâthos religioso se dimensiona. Muito conhecida em Nietzsche, a frase "Deus está morto" será melhor trabalhada aqui para que tenhamos uma compreensão de que foi desse Deus morto que nasceu o cristianismo. Do que está a se tratar é da morte dos valores, ou a transvaloração destes. O que são de fato? Onde se originaram e quem os cria? Diz Scarlet Marton que nesse aspecto, três pontos merecem atenção. O primeiro seria no que consistem os valores morais, como são instituídos e onde se acham fundamentados; segundo que havia a noção pré-nietzschiana que os valores sempre existiram, pois não fomos nós que os determinamos; terceiro, que a nossa cultura insiste em mostrar que eles são legítimos (Marton, P.46, 2006).

A ideia de valor em Nietzsche tem um efeito revolucionário: ela questiona o próprio valor dos valores e, ao fazer isso, levanta uma nova questão – de onde vêm esses valores? Até então, ninguém duvidava do valor do “bem” e do “mal” porque se acreditava que sempre existiram, como se fossem verdades eternas vindas de um plano superior. No entanto, quando esses valores são colocados em dúvida, percebe-se que eles são simplesmente criações humanas. Em algum momento da história, foram inventados por

determinadas pessoas ou grupos. Isso significa que o valor dos valores depende da perspectiva de quem os criou. O autor fala então da moral do Senhor e do Escravo.

O escravo, movido pelo ressentimento e pela fraqueza, primeiro define como “mau” aqueles que são nobres, corajosos e mais fortes do que ele. A partir dessa oposição, constrói para si a ideia de “bom”, que se torna o valor central de sua moral. Já o forte, por outro lado, estabelece naturalmente o conceito de “bom” com base em si mesmo, sem precisar de um antagonismo inicial. Somente depois ele cria a noção de “ruim”, que surge como uma simples contraposição ao seu próprio ideal. Assim, enquanto para o fraco a ideia de “mau” é a base fundamental de sua moralidade, para o forte, o “ruim” é apenas uma consequência secundária.

O fraco só consegue se afirmar negando aquele a quem não pode se igualar. Sua moral é baseada na negação e na oposição, características centrais do ressentimento. Em contraste, a moral dos nobres nasce da afirmação, mais especificamente da autoafirmação. É aqui que encontramos também um ponto de separação entre o homem comum e o além-do-homem, pois o *ubermensch* além de enxergar essa realidade ainda buscar dissolvê-la, transmutá-la, pois, vê nela ideais que não faz sentido para o modo como ele vê a vida. Como destaca Nietzsche em *Para a genealogia da moral*, “enquanto toda moral nobre brota de um triunfante dizer sim a si próprio, a moral de escravos diz não, logo de início, a um ‘fora’, a um ‘outro’, a um ‘não-mesmo’: e esse ‘não’ é seu ato criador” (Primeira dissertação, § 10).

O super-homem será o eterno afirmador, aquele que não nega, mas que admite para sim a vida, mesmo com suas fatalidades e inconveniências, é assim que ele deseja e quer, e esse é o seu declínio. É difícil para os olhos humanos comuns enxergar o mundo luminoso de Zaratustra, mas esse é o anunciador, e a palavra que ele traz é a mensagem do além-do-homem, e este diz para ser fiel à vida em vez de negá-la pois ela é tudo o que temos. Sem céu, sem inferno e sem Deus, somente o homem à deriva e como um eterno andarilho, e nunca viajante, uma vez que quem viaja quer chegar a algum lugar, mas aquele que perambula só o caminho importa de fato para ele.

3. Conclusão

Dentro do horizonte abordado nessa pesquisa, perpassamos por conceitos chaves na filosofia nietzsiana que pudessem nos fornecer uma base teórica importante para o entendimento a respeito da linha de pensamento em que vê no além-do-homem alguém que não necessita dos valores religiosos, principalmente os cristãos, uma vez que sua filosofia de vida está entremeada por valores autênticos e diferem em grande parte da moral religiosa. Assim também, foi inevitável não passar por uma análise da moral, já que o nosso autor em questão é considerado um dos maiores críticos à moral e à religiosidade dogmática.

A primeiro momento, foi necessário nos debruçarmos sobre o conceito de *übermensch*, tendo em vista ser único para a filosofia e autêntico de Nietzsche, assim, a abordagem do seu significado deveria ser basilar para compreendermos seu impacto e influência na ideia de espírito livre e transvalorador da moral dominante. O além-dohomem como aquele que é o criador dos seus próprios valores, nos forneceu a compreensão do porquê Zaratustra não precisa crer no Deus do além, aquele além da terra, além de si, e além do mundo. Mas apenas valorizava o Deus que dança, que se compraz das características mais humanas, pois não está tão longe de nós como as nuvens estão.

No limiar da transvaloração, realizamos uma investigação sobre a origem dos valores, sua característica atribuída de serem sempre legítimos e naturalmente coercitivos, uma vez que estando dentro da cultura se torna um elemento indispensável na mentalidade, vida e hábitos daqueles que estão inseridos nesse meio. É daí que entendemos um pouco da mentalidade humana, é a partir da investigação de seus valores mais tenros que podemos sujeitar muito de suas atividades sejam de ordem humana, política ou social àquele tipo de ideal.

Ao perpassar o contexto da transvaloração foi possível entendermos a morte de deus como um conceito não literal, mas uma morte que se dá na noção dos valores sendo assassinados em virtude de ideais. Vimos que foi preciso que Deus morresse para que desse vida ao verdadeiro senhor dos senhores que é o próprio homem autêntico e dono de si. Aquele que não se curva a Deus pois o conceito de divindade em Zaratustra não requer joelhos dobrado, mas queixo levantado e pernas ativas, já que depois de toda negação do conforto dado pela religião o homem precisa ser rígido e forte para ser o seu próprio mestre, para ser não mais ovelha, mas o próprio pastor de sua vida, aquele que escolhe, que afirma e que decide. Dizer sim, mesmo que às maiores fatalidades.

O homem é uma parcela de *fatum*¹ e por isso deve sê-lo em sua maior plenitude, e uma das formas mais eficazes de assim o ser, é sendo o grande afirmador, o que contraria a princípio as noções basilares cristãs, que mais negam do que aceitam, que mais escondem do que revelam. Foi por meio dessa estrutura que este trabalho contribuiu para uma melhor compreensão da crítica nietzschiana à moral religiosa oferecendo elementos para refletirmos sobre as possibilidades de uma existência mais autêntica, ética e livre.

¹ *Fatum* (latim para “destino”) é usado por Nietzsche em expressões como *amor fati*, que significa “amor ao destino”. Para o filósofo, é a capacidade do homem superior de afirmar a vida como ela é, aceitando tudo o que acontece — inclusive o sofrimento — como necessário e valioso. Essa aceitação é característica do além-do-homem e contrasta com a negação cristã da realidade terrena.

4. Referências Bibliográficas

Primárias

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da moral:** uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, F. W. **A gaia ciência.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Secundárias

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra.** Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003.

MARTON, Scarlet. Nietzsche: A transvaloração dos valores. 2. ed. São Paulo, SP: Editora Moderna, 2006.

ARALDI, Clademir Luís. Nietzsche como crítico da moral. *Dissertatio*, UFPel, Rio Grande do Sul, n. 27-28, p. 33-51, inverno/verão 2008. Disponível em: <https://www2.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/02-27-28.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2024.

SENRA, Flávio. Nietzsche e a religião de Zarathustra, o persa. In: CONGRESSO INTERAÇÕES - CULTURA E COMUNIDADE, Minas Gerais, Anais [...]. Belo Horizonte: PPGCR, PUC Minas, 2009, v. 5, n. 8, p. 99-110, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6442>. Acesso em: 09 nov. 2024.